

## **Experiências, multipertencimentos e riscos de vida: Narrativas de jovens filhos de jovens vítimas de homicídios**

## **Experience, many belongings and risks of life: Narratives of young children of young victims of homicides**

Camila Holanda Marinho<sup>1</sup>  
Samara Edwiges Andrade Lima<sup>2</sup>  
Vinicius Cavalcante Santos<sup>3</sup>

### **Resumo**

As últimas décadas apresentaram aumento exponencial de jovens vítimas de homicídios no Brasil. Com isso, percebe-se a produção de um grupo formado por jovens que são filhos de jovens vítimas de homicídios. Nesse sentido, esse artigo tratará de reflexões sobre a memória e o esquecimento, as rotulações sociais e os multipertencimentos relacionados às identidades e experiências juvenis analisadas através da compreensão de trajetórias juvenis na contemporaneidade. Para tanto, foram realizadas entrevistas semidiretivas e presenciais com três jovens que possuem experiências em instituições educativas e atividades laborais e que tiveram seus pais vítimas de homicídios na cidade de Fortaleza.

**Palavras chave:** Juventudes. Homicídios. Rotulações. Experiências. Multipertencimentos

### **Abstract**

The last decades have shown an exponential increase in the number of young victims of homicides in Brazil, with that, we can see the production of a group formed by young people who are children of young victims of homicides. In this sense, this article will deal with reflections on memory and forgetfulness, social labeling and many belonging related to youth identities and experiences analyzed through the understanding of contemporary youth trajectories. To this end, semi-directive and face-to-face interviews were conducted

---

<sup>1</sup> Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora da Universidade Estadual do Ceará (UECE), no curso de Ciências Sociais, *campus* Itapipoca, e no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas. Integrante da REAJ – Rede de Estudos e Pesquisas sobre Ações e Experiências Juvenis. Coordenadora do TRAVESSIAS: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trajetórias Juvenis, Afetividades e Direitos Humanos.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Serviço Social da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bolsista do programa de Iniciação Científica IC/UECE. Pesquisadora do TRAVESSIAS: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trajetórias Juvenis, Afetividades e Direitos Humanos.

<sup>3</sup> Graduando do curso de Ciências Sociais *campus* Itaperi da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bolsista do programa de iniciação científica da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico (FUNCAP). Pesquisador do TRAVESSIAS: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trajetórias Juvenis, Afetividades e Direitos Humanos.

**Experiências, multipertencimentos e riscos de vida:** Narrativas de jovens filhos de jovens vítimas de homicídios  
Camila Holanda Marinbo  
Samara Edwiges Andrade Lima  
Vinicius Cavalcante Santos

with three young people who have experiences in educational institutions and work activities and whose parents were victims of homicides in the city of Fortaleza.

**Keywords:** Youth. Homicide. Lettering. Experiences. Many belongings.

Entre o crime e o rap, click-clack,  
Nasce um som, morre um moleque  
História triste sem snap,  
Quem é guerra quer paz  
Vocês querem músicas sobre armas  
Escrevo sobre traumas

*Favela Vive 3. ADL, Choice, Djonga, Menor do Chapa e Negra Li. 2018*

## Riscos iniciais

A letra do rap citado na epígrafe desse artigo anuncia os temas que serão discutidos: juventudes e suas lutas em defesa da vida. Essa composição de Choice, Djonga, Menor do Chapa, Negra Li e grupo ADL, importantes rappers brasileiros, entrelaça suas experiências de vida com a sonoridade de resistência das periferias brasileiras. Ser jovem, preto, morador de um bairro pobre no Brasil produz elementos de rotulações, de um lado; mas, por outro, demarca um lugar social caracterizado pela expressão de uma criatividade que narra as suas trajetórias de vida e as de seus “chapas”, “parceiros”, “irmãos”, alardeadas através de produções artísticas que sinalizam desafios enfrentados pelas culturas juvenis na contemporaneidade.

As juventudes do século XXI vivem sob a providência da luta pelo reconhecimento e da proteção de suas vidas. Suas trajetórias são delineadas por um cenário de instabilidades e incertezas marcado pela dificuldade de inserção não precária no mundo do trabalho, pela experiência em instituições escolares inclusivas e não violentas, pelo trânsito na cidade não ameaçado pela violência institucional, pela afetividade plural e respeitada e pelo reconhecimento de que suas vidas importam. Ser jovem em um mundo onde sua existência é classificada pela ideia limítrofe de que eles não são isso ou aquilo, de que não sabem o que sentem ou o que querem, é negar suas singularidades e pensar suas experiências juvenis através de vieses estereotipados e homogeneizantes. Podemos considerar que o enquadramento nos limites discursivos produzidos para as juventudes do século XX — Geração Perdida (anos 30), Geração Silenciosa (anos 40 a 60), *Baby boomers* (anos 40 a 60), Geração Y (anos 80) ou Z (anos 90), por exemplo — fortalece uma ideia totalizante e eurocêntrica, que desconsidera o fato de que essas experiências não foram vividas

por todas as juventudes da mesma maneira, especialmente quando incluímos as interseccionalidades, que desfazem uma visão hierarquizada e colonizada das experiências sociais.

As dificuldades de compreensão de grupos juvenis, esquematizando-os em simplificações e/ou rotulações que podem anular suas singularidades, negam sua percepção dentro de uma ideia de cultura. Portanto, dentro da perspectiva socioantropológica de entendimento de que a cultura representa uma complexidade, um comportamento, um padrão de significados que incorpora simbologias, performances e multipertencimentos produzidos pelos indivíduos e apreendidos de geração em geração através das práticas sociais. Machado Pais, na obra *Culturas Juvenis* (2003), compreende a dimensão das juventudes como sintomas de cultura:

Se as culturas juvenis aparecem geralmente referenciadas a conjuntos de crenças, valores, símbolos, normas e práticas que determinados jovens dão mostras de compartilhar, o certo é que esses elementos tanto podem ser próprios ou inerentes à fase de vida a que se associa uma das noções de “juventude”, como podem, também, ser derivados ou assimilados: quer de gerações precedentes (de acordo com a corrente geracional da sociologia da juventude), quer, por exemplo, das trajetórias de classe em que os jovens se inscrevem (de acordo com a corrente classista) (2003: p.30).

Nesse sentido, esse artigo tratará de uma compreensão que toma as juventudes a partir da ideia de pluralidade e de suas expressividades culturais. Com isso, podemos refletir sobre as diversas possibilidades de experiências nas quais as juventudes estão situadas como atores sociais, no caso, aqui, quando as suas experiências juvenis são marcadas por um cenário de violências. Nesse sentido, dois conceitos são importantes para o debate sugerido nesse texto: o conceito de experiência e o de reconhecimento. Convidamos os leitores a seguir conosco um caminho teórico pelo qual as juventudes em situações de violências (tomando, do mesmo modo, o conceito de violência dentro de sua pluralidade) buscam reconhecimento social no curso de suas experiências juvenis.

Compreender as juventudes a partir do conceito de reconhecimento é importante, pois, no caso do elevado índice de homicídios de jovens no Brasil, suas famílias e as redes afetivas dos quais estão inseridos, lutam para que haja o reconhecimento da sua condição humana em diferentes perspectivas. Para Honneth (2003), existe uma estrutura tripartite das relações de reconhecimento. Primeiramente, o autor pretende apresentar a dimensão das relações de reconhecimento pelo amor, que estão ancoradas estruturalmente na dimensão da natureza afetiva e dependente da personalidade humana, podendo ser essa dimensão violada através de um ato de violência física contra uma pessoa. A segunda dimensão diz respeito ao reconhecimento das pessoas como sujeitos de direitos, pois os indivíduos precisam estar em condições de desenvolver sua autonomia, a fim

de que possam reconhecer-se reciprocamente como pessoas jurídicas contemplada por direitos civis, sociais e políticos. O desrespeito a essa dimensão gera casos de privações e de exclusões. A terceira dimensão exposta por Honneth versa sobre a solidariedade, portanto, a esfera de integração social, onde encontram-se os valores e os objetivos que constituem a autocompreensão cultural de uma sociedade. Nesse caso, o desrespeito é representado através da degradação da integridade moral da pessoa. Assim, Honneth entende que a dimensão da personalidade ameaçada é aquela da dignidade e com isso mobilizadora de injúrias e estigmatizações.

A aplicabilidade dessa teoria no caso brasileiro nos leva a uma reflexão sobre a efemeridade das trajetórias de jovens registradas nos 35.783 assassinatos que ocorreram no país, segundo dados do *Atlas da Violência – Retrato dos Municípios Brasileiros 2019*, elaborado pelo IPEA em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública<sup>4</sup>. Essas mortes, dentro de uma lógica violenta de sociedade e Estado, possuem índices em ascendência que não se estabilizam ou reduzem. Esse dado revela, portanto, a necropolítica, como assinala Achille Mbembe (2011), quando o Estado, ao escolher quem deve viver e quem deve morrer, quando nega a humanidade do outro, torna qualquer violência possível, inclusive o extermínio de vidas. São jovens pretos, pobres, nordestinos e do sexo masculino que, ao longo de suas trajetórias, lutaram por reconhecimento e deixaram essa luta como uma herança para suas famílias. São pessoas, muitas vezes, cuja humanidade é negada, tendo suas mortes aceitas em virtude da proteção daqueles que podem ter suas vidas ameaçadas por jovens “perigosos”.

No correr de suas experiências de vida, a maioria dos jovens que são assassinados no Brasil possuem pouca escolaridade e uma frágil inserção no mundo do trabalho. Uma pesquisa realizada pelo Comitê de Prevenção e Combate à Violência da Assembleia Legislativa do Ceará<sup>5</sup> revelou que, antes dos jovens morrerem, foram ameaçados e tiveram amigos, irmãos e primos vítimas de homicídios. As mortes ocorreram perto de suas casas, possibilitando que a sua mãe, uma das primeiras a chegar na cena do crime, pudesse ouvir o tiro que matou seu filho. Seus familiares lutam pelo reconhecimento de que “suas vidas importam”, através da apuração do caso pelo judiciário, pois muitos inquéritos policiais, além da frágil apuração, não apontam o autor do crime, prejudicando o andamento do processo legal, e, com isso, ficando na impunidade. Além disso, as pessoas que compõem suas redes de afetividade convivem com a construção da imagem dos jovens associadas a práticas imorais e ilegais, que podem justificar seus assassinatos, pois é comum

---

<sup>4</sup> Ver relatório em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>

<sup>5</sup> Ver relatório em: <https://cadavidaimporta.com.br/>

perceber a recorrência de estigmas que o senso comum produz sobre suas breves trajetórias de vidas. No entanto, não há nenhuma pesquisa ou dado oficial que identifique que a maior parte dos jovens assassinados estavam envolvidos com o mundo do crime, e, mesmo estando, um Estado Democrático de Direito deve partir da premissa da responsabilização dos crimes cometidos, e não da pena de morte. São mortes matadas em razão do número elevado de armas ilegais que circulam pelo país, assim como do despreparo de uma parte dos agentes de segurança pública, uma polícia que mata e morre muito no Brasil<sup>6</sup>.

Sendo assim, as trajetórias de vida de jovens em risco e ameaçado de morte no Brasil estão marcadas pela experiência da precariedade. É precário o acesso às políticas públicas, a uma vida segura, à inserção no mercado de trabalho, às atividades de lazer e cultura, produzindo, dessa forma, marcas de inseguranças e incertezas que delinham suas experiências de vida, comumente compartilhadas pelos jovens através de seus discursos, quer seja nas atividades de pesquisa realizadas pelos acadêmicos, ou nas ações do campo da intervenção social orquestradas pelos operadores das políticas públicas e sociais. Walter Benjamin (1975) discorre que a experiência é uma vivência compartilhada pela narrativa. Portanto, o autor compreende que a experiência é uma vivência, algo que o sujeito passou, que atravessou, algo que aconteceu e que não será nada se não puder ser transformada em alguma narrativa compartilhada socialmente. Para Benjamin, é o compartilhar que transforma a vivência em experiência. Jorge Lorrosa (2002) entende que o saber da experiência possui uma qualidade existencial e emana as apropriações de nossa própria vida. Dessa forma, “o saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece” (p. 27). Portanto, é um saber adquirido em virtude do modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida, assim como o modo como as pessoas são afetadas pelos acontecimentos vividos.

Após esse preâmbulo inicial, o objetivo desse artigo é analisar as narrativas e as experiências de vida de jovens que são filhos de jovens que foram assassinados em Fortaleza nos idos dos anos 2000. Qual a memória que possuem sobre seus pais? Como compreendem as classificações sociais que recebem? Quais os laços de multipertencimentos e os discursos sociais que produzem sobre a condição juvenil na contemporaneidade? Essas indagações foram investigadas em uma pesquisa qualitativa<sup>7</sup> que fez uso de entrevistas semidiretivas realizadas de forma presencial como recurso

---

<sup>6</sup> Ver artigo “Letalidade e Vitimização Policial: características gerais do fenômeno em três estados brasileiros” de Luís Felipe Zilli. Disponível em: [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8873/1/bapi\\_17\\_cap\\_10.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8873/1/bapi_17_cap_10.pdf)

<sup>7</sup> Projeto de Pesquisa coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Camila Holanda Marinho, com o financiamento de bolsas vinculadas ao programa de iniciação científica da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico (FUNCAP) em edital com vigência 2019/2020. As entrevistas demarcam a primeira etapa

metodológico para o registro das narrativas e das trajetórias de vida dos jovens que concordaram em compartilhar conosco suas emoções, posicionamentos e experiências.

## Morte e vida juvenis

Fortaleza no ano de 2002, segundo dados do Mapa da Violência no Brasil III<sup>8</sup>, registrou 395 casos de homicídios de jovens na faixa etária entre 15 e 29 anos. Dez anos depois, essa taxa teve um aumento exponencial, chegando a um número de 1.294 casos, segundo dados do *Mapa da Violência 2014: os jovens do Brasil*<sup>9</sup>. Por trás desses dados, identifica-se a existência de um grupo no qual suas emoções ante a morte e o luto podem estar invisíveis e silenciadas, por estarem alocadas nas periferias da cidade. No entanto, são histórias de garotas que sofrem com a morte, que vivem com a saudade e lutam pela preservação da memória dos garotos de vidas efêmeras, portanto “jovens viúvas”, conforme definido por Camila Holanda Marinho (2009):

Essas são garotas que namoraram rapazes envolvidos em gangues, com eles tiveram filhos e foram, posteriormente, surpreendidas com a notícias de suas mortes. “Mortes prematuras”, pois, apesar de anunciadas, não eram acreditadas. E, quando elas acontecem, inicia-se mais um novo período em suas vidas. Em seus relatos, percebo como esse eterno recomeçar possibilita diferentes definições e marca as trajetórias percorridas. Em cada um desses momentos, essas jovens acumulam experiência e estigmas, papéis e atitudes, traumas e lições (2009: p. 65).

Nessa pesquisa, a autora buscou alcançar nos discursos das narradoras, as compreensões que possuem sobre a maternidade, a morte, o comportamento feminino e os espaços de sociabilidade onde vivem, para com isso, revelar a produção do universo simbólico que atribuem a vida social e os desafios vivenciados nas trajetórias de jovens de vidas em risco. Portanto, discutir questões que envolvem as “jovens viúvas” vai além de desvendar seus perfis, nos levando a alcançar o contexto em que elas estão inseridas, que assim como de muitos jovens brasileiros, que vivem em territórios vulnerabilizados pela pobreza e permeados por violências de diversas ordens. Assim como os seus namorados, suas vidas também são marcadas pela precariedade de acesso aos serviços públicos e por um cotidiano em que aparentemente a vida se banalizou e a morte perdeu sua

---

da pesquisa por realizar levantamento de dados com jovens inseridos em atividades laborais ou educacionais. Posteriormente, serão realizadas entrevistas com jovens que estão cumprindo medidas socioeducativas, pois foram interrompidas em razão da pandemia no Covid-19.

<sup>8</sup> Ver: [https://www.mapadaviolencia.net.br/publicacoes/MapaViolencia\\_III.pdf](https://www.mapadaviolencia.net.br/publicacoes/MapaViolencia_III.pdf)

<sup>9</sup> Ver: [https://www.mapadaviolencia.net.br/pdf2014/Mapa2014\\_JovensBrasil.pdf](https://www.mapadaviolencia.net.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil.pdf)

conotação trágica, tornando-se um espetáculo cotidiano televisionado por programas policiais. Seus percursos são marcados por lutas simbólicas em defesa da preservação de suas trajetórias e contra as rotulações que podem legitimar a necropolítica como uma ação que tem os jovens, pobres, pretos e nordestinos como alvo.

Num cenário com contornos mais dramáticos, onde a curva da vida não se estabiliza, o que possibilitaria vidas longas, e não breves, aos jovens, retomamos uma das preocupações das “jovens viúvas” com seus filhos. Elas disseram que temem que seus filhos vivenciem situações de risco, de ameaça às suas vidas, de preconceito que possa fazer com que eles carreguem a herança de ter suas histórias de vida marcadas pelas tragédias ocorridas nas histórias de seus pais. Com isso, os relatos de Anderson, Miguel e Rebeca<sup>10</sup> são reveladores de questões contemporâneas sobre as juventudes brasileiras. Em comum, eles possuem em suas trajetórias inserções positivas no mundo do trabalho e em instituições educacionais, no entanto compartilham o medo e se indignam com a possibilidade de sofrerem algum tipo de violência, seja diretamente contra eles ou contra um amigo, irmão, primo ou conhecido que pode ter sua vida ameaçada. São jovens que escutam rap, música regional e brasileira. Namoram, se divertem, convivem com suas mães e familiares e assumem os discursos do modo de vida de sua geração. Carregam rótulos, memórias e multipertencimentos como emblemas das culturas juvenis ao refletir as singularidades inquietantes de suas experiências de vida.

Anderson é um jovem de 20 anos que teve o pai assassinado (25 anos), quando ele tinha 4 anos de idade, em um conflito que envolveu traficantes e milicianos em seu bairro. Completou o Ensino Médio em uma escola de educação profissional e trabalha com carteira assinada. Mora com sua namorada e tem uma filha de 01 ano. Sua família materna é formada pela mãe e por um irmão. Anderson foi um dos jovens que integrou o movimento de ocupação secundarista das escolas de Fortaleza no ano de 2016, assumindo-se como líder e tendo Marielle Franco como inspiração. Trabalha como atendente de um banco, sonha em fazer um curso para se tornar professor, porém adiará esse sonho para cursar administração de empresas à distância, financiada pela sua contratante. Anderson é um jovem que possui um discurso bastante politizado, pois reconhece seu “privilegio branco”, reclama da ineficiência dos partidos políticos como lugares de identificação juvenil e da fragilidade do papel da escola como lugar de proteção e produção de projetos de futuro para os jovens.

Miguel tem 19 anos e concluiu o Ensino Médio na rede pública. Recebeu uma bolsa de um programa governamental de inserção profissional, mas está atualmente desempregado, porém faz

---

<sup>10</sup> Os três nomes são pseudônimos e serão usados para preservar a privacidade e integridade dos narradores.

uns “tramos” para conseguir uma renda em atividades eventuais, como no salão de beleza de sua tia e em festas e eventos como *barman*, a convite de amigos. Miguel é um representante da Geração N, um jovem que trabalha muito em atividades informais e eventuais. Ele nos disse que sonha com o ingresso em uma universidade, pois com uma graduação ampliaria suas oportunidades no mercado de trabalho. Aos 5 anos de idade, presenciou a morte de seu pai (28 anos), que foi baleado ao defender sua mãe de um assédio por parte de homens desconhecidos em um dia de lazer em uma lagoa da cidade. Atualmente, se divide entre morar com sua avó e com sua mãe em residências localizadas em bairros distintos e periféricos de Fortaleza. O jovem tem quatro irmãos filhos do mesmo pai e da mesma mãe. Miguel nos contou que seu maior objetivo é dar melhores condições de vida à sua mãe, que sofre há 10 anos com lúpus<sup>11</sup>.

Rebeca, 20 anos de idade, é uma jovem fruto de uma geração onde o debate feminista é forte e cotidiano. Ela disse que lembra do dia do assassinato de seu pai (28 anos), pois tinha 11 anos, e afirma que sua morte foi ocasionada pelo envolvimento com o tráfico de drogas. Rebeca é uma jovem estudante da Universidade Estadual do Ceará. Ela não trabalha, mas já teve vínculo empregatício em empresas de venda de seguros e em uma locadora de automóveis. Como renda, possui uma bolsa de extensão da Universidade e nos contou que sua mãe se esforça trabalhando muito para que ela não precise trabalhar e se dedicar integralmente aos estudos. A jovem reside em um bairro da periferia e mora com a mãe e a avó. Na entrevista realizada com Rebeca, ela relatou uma relação abusiva que viveu com um namorado aos 18 anos, deixando traumas que fazem com que ela reavalie sua relação atual por medo de sofrer algum tipo de violência, mas afirma que o atual namorado é um jovem que a respeita e compartilha com ela o mesmo gosto musical.

## Multipertencimentos

Ser jovem na cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará, poderia conter inúmeros significados positivos, vide a rica variante urbanística do local. A cidade é um chamado ao atrevimento e à curiosidade típica das juventudes. Com um litoral que banha inúmeras comunidades, as possibilidades de criações e reinvenções são inúmeras. Elas vão dos *trances* no

---

<sup>11</sup> Doença inflamatória e autoimune, que pode afetar múltiplos órgãos e tecidos, como pele, articulações, rins e cérebro. Miguel falou que sua mãe sofre com o fato de não poder sair na rua durante o dia, pois o sol afeta gravemente sua pele.



mangue da Sabiaguaba à prática de surf no Titanzinho, os saraus no Mirante e no Jangurussu, os skatistas da P.I. (Praia de Iracema), os flertes na Praia dos *Crush*, até chegar nas rodas de capoeira na região mais à oeste, que contempla o Pirambu, Cristo Redentor e Barra do Ceará. Para além da região praiana, os demais bairros também contam com aglomerações juvenis em torno dos reggaes de rua, batalhas de rima nas praças, bailes funk, festas voltadas à comunidade LGBTQIA+, casas de forró, casas de santo, igrejas, templos, ruas e praças.

Todo esse exposto tem como finalidade pincelar a pluralidade de culturas e oportunidades de vivências que afetam coletivamente meninas e meninos desta cidade. Entretanto, essa vivência é atravessada por determinantes como a exclusão por gênero, raça e classe social que são provocadas nas diversas manifestações de violência por parte de ações dos poderes públicos e das organizações criminosas. Fora a violência policial, as periferias da capital estão cada vez mais divididas entre grupos armados que cometem crimes, comumente conhecidos como “facções”, que lutam pela hegemonia dos territórios. Um dos comportamentos que foi assimilado pela população da cidade, sobretudo jovens, se refere à limitação da circulação por determinados bairros. Durante o período de pandemia causada pelo coronavírus, segundo dados do Fórum Popular de Segurança Pública do Ceará<sup>12</sup>, de janeiro a maio de 2020, cerca de 798 adolescentes e jovens de 12 a 24 anos foram assassinados, representando 42,29% do total de mortes desse período com um aumento de 138,92%, se for comparado com o mesmo período do ano anterior. Tais dados mostram como sequer a pandemia foi capaz de cessar a violência que atinge crianças e jovens cearenses.

Gilberto Velho (2006) alerta que os jovens não constituem tribos ou segmentos isolados, pois sua heterogeneidade e dinamismo, vinculados a novos tipos de projetos e trajetórias, são “combinações e sincretismos, que de algum modo originais, certamente podem nos ajudar a pensar melhor sobre problemas teóricos e concretos da vida social” (2006, p. 200). Portanto, para o autor, multipertencimentos se refere:

a construção das identidades é um processo que decorre do tempo, é dinâmico, transforma-se e se dá em múltiplos contextos socioculturais e níveis de realidade. Essas experiências, no entanto, não são indiferenciadas. Elas têm pessoas, valores e significados específicos que precisam ser analisados tendo como referência básica os pontos de vistas e visões de mundo das categorias sociais consideradas (2006: p. 193).

---

<sup>12</sup> Ler Nota Pública divulgada em: <https://www.instagram.com/p/CBqy3TcF6QG/>

Um dos narradores dessa pesquisa, Anderson é um jovem consciente sobre as desigualdades que afetam a juventude de sua cidade e reconhece seus privilégios por ser um rapaz branco, que concluiu o Ensino Médio e possui um trabalho formal. Ele afirma que sua formação política teve início no 8º ano do Ensino Fundamental, quando fundou o primeiro grêmio estudantil de sua escola: “O meu crescimento político me fez conhecer o outro lado das coisas”. O jovem relata que figuras públicas do atual cenário nacional, como Marielle Franco, Tarcísio Motta e Talria Petrone são pessoas com quem possui afinidades ideológicas. Anderson se refere à Marielle Franco como grade admiração: “Você não vê um discurso dela que não fique pensando: ‘Caralho, pelo amor de Deus!’ Quando fui no Rio de Janeiro ainda tinham muitas paredes pintadas com imagens dela e cartazes pela cidade.” O relato a seguir mostra como a morte de Marielle possui atravessamentos e sentidos múltiplos, ao simbolizar a luta por justiça social e contra as diversas formas de opressão, e impactou afetivamente e politicamente a trajetória de Anderson:

Houve uma mudança na minha vida. Meu aniversário foi dois dias antes da morte da Marielle. Após a morte dela, teve uma ciranda gigantesca na Praça da Gentilândia só com mulheres. Parece que aquele dia mudou minha vida porque foram tantos sentimentos. Eu já tava começando a me afastar da militância e a morte dela me sugou de volta. Hoje tô bem afastado porque é difícil conciliar filhos, trabalho e militância.

Em 2016, ano em que Anderson ocupou uma Escola de Ensino Médio em Fortaleza, na chamada “primavera secundarista” que ocorreu em todo o Brasil, ele foi expulso da escola após a desocupação quando cursava o 4º bimestre do primeiro ano do Ensino Médio. Durante a entrevista ele relembra com saudosismo e melancolia o destino de companheiros que não tiveram a mesma sorte que ele:

Tem um menino que era da ocupação que foi excluído da escola e hoje ele é faccionado. Ele foi expulso no final do segundo ano, não chegou nem a concluir. Ele era um aluno muito bom, muito inteligente, tinha muito potencial, mas a escola o enxotou, e a facção abraçou, assim a escola faz até hoje. A escola enxota, e a facção tá lá pra abraçar.

Esse relato aciona um alerta sobre o lugar da escola nas trajetórias juvenis. A relação entre escola e juventudes possui grandes contradições no que diz respeito à ideia de equidade e qualidade. Juarez Dayrell (2007) aponta que é no âmbito dessa instituição que a maior parte dos jovens toma consciência de oportunidades e possibilidades existentes no curso de suas trajetórias de vida, ao mesmo tempo que tem a percepção de que lhes são negadas as condições reais para aproveitá-las.

Outro ponto diz respeito aos desafios em tornar a escola um lugar interessante e acolhedor das necessidades e desejos juvenis, visto que o que costuma ser dito pelos jovens é que a escola não consegue entender nem responder suas reais demandas, pouco contribuindo em suas construções como sujeitos ou excluindo-os em casos de contestações de seus limites educativos, como no caso das lideranças das ocupações de escolas na “primavera secundarista”. Anderson coleciona histórias de jovens que foram expulsos pela escola e abraçados pelas facções, assim como lamenta viver em um bairro onde um grande número de pessoas passam pela experiência do encarceramento.

Nesse sentido, consideramos importante analisar o que os jovens que participaram dessa pesquisa pensam sobre a redução da maioridade penal e as práticas de encarceramento juvenil. A seguir suas percepções sobre os temas:

A redução da maioridade penal, por exemplo, é enxugar gelo, sabe? Porque não vai sanar o problema, que é muito maior e complexo. Essas pessoas estão precisando de amparo e de ajuda. O Estado tem que seguir o que está no ECA e cumprir o seu dever. As pessoas não têm saúde de qualidade, não se alimentam direito, as escolas são precárias como aqui no Jangurussu. Esses meninos vão ser encarcerados com outros e produzirão mais crimes. Acho que é isso o que as facções querem. Encarcerar os meninos com os adultos vai ser ruim. É uma lavagem cerebral tão grande que as facções fazem na cabeça dos meninos que os próprios falam que se quiser matar pode matar porque estão aí pra morrer (Anderson, 20 anos).

Não adianta você reduzir a maioridade penal, sendo que você vai colocar um menor de idade, dentro de um presídio com caras muito mais experientes do que ele, que podem corromper ele a ficar ainda mais mau. Então, se houvesse um projeto em torno disso, e fizesse com que, tá você cometeu tal crime e você vai ficar preso numa cela de crimes semelhantes, idades semelhantes, em algo totalmente organizado, e não nessa desorganização que é o sistema carcerário brasileiro (Miguel, 19 anos).

Eu sou contra. Primeiro que a gente já vive uma crise no sistema prisional de superlotação. Segundo que a gente sabe que o sistema não tem capacidade de reinserir os jovens na sociedade depois que saem de lá, funciona mais como uma gaveta que guarda as pessoas e quando saem sem nenhum tipo de oportunidade eles voltam pro crime. Depois esses jovens geralmente cometem crimes ou entram pra criminalidade por falta de oportunidade, necessidade, entre outros. Esses jovens são aliciados a cometer crimes justamente porque não são “legalmente puníveis” mas tu não acha que diminuindo a maioridade penal vai diminuir ainda mais a idade que esses jovens vão entrar pro crime? (Rebeca, 20 anos).

Rebeca é uma jovem universitária que faz parte de uma geração no qual um de seus multipertencimentos está associado à identificação com os discursos feministas. Contudo, ela não escapou de sofrer uma violência, que atravessou sua vida, e fez dela mais uma vítima de violência

**Experiências, multipertencimentos e riscos de vida:** Narrativas de jovens filhos de jovens vítimas de homicídios

*Camila Holanda Marinbo*

*Samara Edwiges Andrade Lima*

*Vinicius Cavalcante Santos*

contra mulheres: “Eu vivi um relacionamento muito abusivo. Passei um ano sem ninguém, muito traumatizada. Eu acho que a questão do relacionamento abusivo me marcou muito”. A contribuição feminista para os estudos sobre a violência de gênero nos permite perceber as disparidades de gênero e suas consequências mais extremas. O fato de Rebeca ser uma jovem universitária de 20 anos permite que ela perceba o machismo e a misoginia que são acontecimentos regulares na vida das mulheres. Mesmo a vivência no ambiente acadêmico, regado por movimentos e debate sobre as questões de gênero, não foi capaz de protegê-la. Rebeca confessa que um de seus maiores medos é ser agredida novamente.

Outro fato importante de ser destacado nessa pesquisa sobre violência de gênero foi a motivação da morte do pai de Miguel. Aos 5 anos de idade, ele presenciou a morte do seu pai ao agir em defesa da honra de sua mãe que foi assediada por um grupo de homens, enquanto a família estava em um momento de lazer se refrescando do calor fortalezense em um banho de lagoa. Seu pai, que tinha 28 anos de idade, levou cinco tiros e morreu na frente do filho, da esposa e de outros banhistas, interrompendo um dia de lazer e mudando a trajetória de uma família vítima de uma atitude machista, no qual os homens coisificam a condição feminina, tomando os corpos das mulheres de posse e dando a eles limites de exposições, liberdades e direitos. Portanto, são preocupações femininas que circundam seus percursos e trajetórias de vida, tornando-se preocupações que passam de geração a geração.

Rebeca mora com duas mulheres, a mãe e a avó, e diz que sua mãe é a chefe da família e responsável pela renda familiar. Ela se reconhece como: “de classe média baixa, porque, assim, a gente tem certo conforto, só que a gente não tem casa, não tem carro, às vezes, aperta aqui, aperta ali, tira dali, bota aqui, mas dá pra levar.” A jovem disse que atualmente não está trabalhando, mas que já trabalhou informalmente como vendedora durante um ano e meio em duas empresas. Ressalta que sua renda vem das bolsas de assistência estudantil e já esteve vinculada a dois programas: um de monitoria e o outro de um projeto de extensão e destaca o apoio de sua família com relação aos seus estudos:

... financeira eu não posso dizer que eu tenho dificuldade nenhuma, porque tem gente que tem mais dificuldade do que eu. Eu sempre tive o apoio da minha mãe, da minha avó, então, teve um tempo que a gente tava muito ruim financeiramente, mas uma das prioridades, por toda a história que ela passou, foi conseguir me manter nos estudos. Um colégio, com todo o esforço do mundo ela conseguiu pagar um colégio particular pra mim, pra me ver melhor e tentar ser diferente do que ela passou e na faculdade também... minha meta principal hoje é conseguir me formar e não sei se eu quero levar adiante os estudos

acadêmicos ou se eu quero passar num concurso ou entrar no mercado de trabalho agora. Ainda não tenho nada definido.

Em suas pesquisas sobre os jovens universitários, Isaurora Claudia Martins de Freitas ressalta a importância que esses espaços educacionais possuem nas trajetórias de vida dos estudantes e na construção de seus projetos de futuro. A importância do “estar junto”, num ambiente no qual as relações interpessoais são complexas, em razão dos multipertencimentos juvenis, é uma possibilidade de acessar as diversidades dos modos de pensar e de se comportar de diferentes grupos sociais, portanto “descobrimos que a categoria estudante universitário abriga uma multiplicidade de situações e modos de ser que nos levou a perceber a heterogeneidade das juventudes universitárias” (FREITAS; BRAGA, 2013: p. 107). Assim, identificar Rebeca como uma jovem universitária não faz dela um perfil comum às experiências das demais jovens, pois as singularidades de cada um são pessoais e intrasferíveis, no entanto sua experiência na universidade revela a importância das instituições educacionais como lugares de mobilidades, seja socioeconômicas, ideológicas e afetivas, como também de produção de projetos de futuro vinculado à inserção no mercado de trabalho.

Experiência diferente da vivida por Miguel, que concluiu o Ensino Médio, porém não ingressou em uma universidade, apesar de nutrir esse sonho. Ele é um jovem representante da chamada “Geração N”, pois trabalha muito em atividades diversas, eventuais, informais e a partir da indicação de uma pessoa conhecida. Em comum com Rebeca, Miguel também foi atendido por um programa governamental com bolsa de inserção no mercado do trabalho, porém precisa complementar sua renda familiar realizando outras atividades para ajudar as despesas de sua família e destina parte do que ganha para sua mãe. O jovem já trabalhou como auxiliar de garçom em uma barraca de praia, vendendo *drinks* em festas e eventos com amigos e atualmente trabalha no salão de beleza de sua tia ajudando na limpeza do lugar. Miguel é um jovem da Geração N, não porque não trabalha nem estuda, mas sim por trabalhar muito sob formas precárias, eventuais, instáveis e incertas.

### ***Outsiders na cidade***

Anderson, Miguel e Rebeca são jovens que gostam de ouvir rap. Um trecho do “Favela Vive 3” retrata claramente a realidade da juventude brasileira, sobretudo, preta, pobre, periférica e nordestina: “Meu pai me disse: Cuidado com essa pochete e esse cabelo loiro, meu filho, cê num é

branco, geral vestido igual, mas os canas te olharam diferente, eu só lamento no banco de trás, cê vai sentir o solavanco”. Percebemos na letra a desigualdade sofrida por um jovem preto em comparação ao jovem branco, em razão de um acessório considerados pela maioria como um adereço desviante, pois as discriminações que uma pessoa preta sofre possuem uma escala mais severa. É a partir disso que a discussão a respeito dos *outsiders* na cidade se inicia, pois estamos falando sobre o preconceito e as rotulações sofridas pelos jovens periféricos<sup>13</sup> ao longo dos tempos. Preconceito este que parte de diversos segmentos da sociedade, como na própria família, na escola e no Estado, sobretudo representado pela polícia.

Para se pensar a categoria *outsider*, Howard Becker (2008) nos convida a analisar os processos de rotulação social dos quais os indivíduos estão sujeitos a serem classificados sob um viés estigmatizador. Becker caracteriza como desviante o sujeito que transgredir às regras estabelecidas na sociedade em que está inserido, porém as regras não são leis escritas, mas práticas e regimentos morais determinados por uma maioria dominante. Assim, o indivíduo que não se adequa a essas práticas morais é considerado como um ser desviante ou um *outsider*:

Regras sociais são criações de grupos sociais específicos. As sociedades modernas não constituem organizações simples, em que todos concordam quanto ao que são regras e como elas devem ser aplicadas em situações específicas. São, ao contrário, altamente diferenciadas ao longo de linhas de classe social, linhas étnicas, linhas ocupacionais e linhas culturais. Esses grupos não precisam partilhar as mesmas regras e, de fato, frequentemente não o fazem. Os problemas que eles enfrentam ao lidar com seu ambiente, a história e as tradições que carregam consigo, todos conduzem à evolução de diferentes conjuntos de regras. À medida que as regras de vários grupos se entrecrocaram e contradizem, haverá desacordo quanto ao tipo de comportamento apropriado em qualquer situação dada (2008: p. 27).

O problema central deste estudo não está na análise simplesmente do desviante, mas no perfil que a atual sociedade tem adotado para definir um ser desviante, portanto um perfil específico e selecionado, que enquadra jovens periféricos que são pobres, pretos e nordestinos. Em seu texto, Becker apresenta que o sentido de um comportamento classificado como desviante será determinado não só por quem o comete, mas também por quem se sente ofendido por ele. O autor nos auxilia a pensar questões sobre as diferenciações sociais quando jovens de classes e raças distintas são abordados pela polícia ao cometerem uma infração ou quando são condenados pela justiça. Raramente presenciamos jovens brancos de classes privilegiadas e moradores de bairros de

---

<sup>13</sup> “Jovens periféricos” pode ser tomada como uma expressão nativa comumente utilizada como forma de identificação dos jovens moradores das periferias da cidade.

elite nos bancos das delegacias e nas sentenças judiciais. Já as cadeias estão lotadas de jovens pretos e periféricos, evidenciando, com isso, uma seletividade penal.

Anderson se autodeclara como branco e afirma que determinadas oportunidades conquistadas tiveram influência em virtude de sua tonalidade de pele: "Antes eu não havia tido nenhuma experiência de trabalho. Meu privilégio branco ajudou muito, era o perfil que eles queriam: branquinho, cabelinho pro lado. É todo mundo meio igual fisicamente no banco". Miguel se considera de pele parda. Ele fala que a vida na comunidade é complicada, pois falta assistência estatal e há uma forte repressão policial que acaba com os eventos e movimentos culturais e de entretenimento da juventude, seja um "racha" (jogo de futebol), um reggae ou um baile funk. Observa-se na autodeclaração dos jovens como a referência sobre a sua raça ou a sua cor de pele pode ser um fator que os colocam em risco. Com isso, é importante compreender a percepção da branquitude como um discurso que pode eleger critérios de proteção e afastamento de possibilidades de rotulações sociais. Lia Vainer Schucman (2014) ao refletir sobre a branquitude, em um diálogo com Franz Fanon, destaca que, no Brasil, a branquitude está atrelada a uma ideia de *status* e ao fenótipo, que garantem privilégios, portanto, atribui um aspecto ideológico que transforma uma característica fenotípica em uma relação de hierarquia e poder. Com isso, grupos mais vulnerabilizados sofrem discriminações ou processos mais violentos do que outros. Zelma Madeira (2014) nos auxilia na compreensão referente ao tratamento diferenciado dados as populações discriminadas por questões étnicas, pois: "a indígena se ateuve as ameaças de extermínio, enquanto a negra se viu diante da marginalização. A questão racial negra foi evitada numa recusa de se discutir os problemas que os afligem, engajados como escravizados no processo econômico" (2014, p 239).

Importante destacar que o debate sobre os *outsiders* da cidade envolve o recrudescimento da violência da polícia militar, revelado pelos elevados índices de ações policiais que resultam em mortes, e até mesmo na frequente afirmação de jovens que sofrem frequentemente abordagens violentas por parte da polícia. O extermínio dos jovens tem sido justificado pelo argumento da atividade suspeita, assim como legitimado pela "guerra as drogas", que vitimiza jovens pobres, pretos e periféricos com índices alarmantes. Miguel possui um discurso impactante, ao se mostrar conformado com a violência institucional: "man, aqui até quem não é envolvido sabe que cadeia pra malandro é sorte". Portanto, a morte é cotidiana, anunciada e atemporal, ou seja, os jovens estão morrendo cada vez mais, principalmente em razão da guerra entre as facções e o Estado. É trágico a compreensão de que as facções podem ser uma opção de integração perversa para os

jovens, por outro lado representam o inimigo do Estado, a segurança da comunidade, o medo para a população. No entanto, para pesquisadores e ativistas de direitos humanos, as facções refletem as desigualdades sociais e as desesperanças juvenis frente aos seus projetos de futuro. O discurso do Miguel fala sobre o discurso punitivista, desigual e racista, no qual um indivíduo caracterizado como “envolvido” com o crime e com as drogas não terá outra saída a não ser a morte, pois, caso tenha “sorte”, conseguirá cumprir uma pena no sistema prisional brasileiro — recorrentemente denunciado aos organismos internacionais como instituições de práticas de crimes contra os direitos humanos.

Atualmente, a política pública sobre drogas que está em vigência no Brasil adota o viés criminal e proibicionista. Esta interdição é exclusiva a determinadas substâncias psicoativas, assim como também se apresenta de forma seletiva com relação a avaliação do consumo entre as classes sociais, estabelecendo quem faz uso classificado como recreativo (portanto, sem graves prejuízos e ilegalidades) ou comercial (associado ao comércio varejista). Porém, essa política de combate às drogas é apenas mais uma justificativa para o racismo praticado pelo Estado e pela sociedade. A proibição é exclusiva a uma classe: o jovem pobre e preto. Indagados sobre a sua opinião com relação à descriminalização de drogas, os narradores dessa pesquisa disseram que são favoráveis. Miguel utiliza o argumento de que o indivíduo que for usuário, não precisaria estar se arriscando entre a cadeia ou a morte, pois não estaria se envolvendo diretamente com o tráfico de drogas e considera que “a maconha não é uma droga tão pesada”. Anderson assume usar maconha e já ter consumido “drogas mais pesadas”, mas que elas não faziam bem a ele. Rebeca diz que é a favor, mas que, particularmente, não tem interesse na experimentação e utilização da substância.

Achille Mbembe, em seu texto *Necropolítica* (2011), discorre sobre a soberania do poder estatal ao designar quem deve viver e quem deve morrer, com o objetivo de construir uma sociedade perfeita. O poder político e estatal não conseguiu controlar com eficácia a produção e entrada de drogas e sua disseminação no Brasil, através da fragilidade de proteção das fronteiras, da escassez de efetivos policiais para contenção do tráfico de armas, da criminalização do varejo, dos recuos de investigações nas apreensões de drogas para o atacado, e assim, uma grande parcela dos jovens periféricos consideram o mundo do crime, a inserção em facções e o tráfico de drogas como projetos e modos de vida juvenis. A condição de Estado de Exceção, como assinala Agamben (2004), em que vivem estes jovens periféricos torna-se alarmante, pois o próprio Estado



tornou-se difusor de terrorismo através ações de violência física, ameaças, intimidações e assassinatos<sup>14</sup>.

## Memória e esquecimento

No percurso de jovens que foram precarizados e vulnerabilizados por uma sociedade que estabelece enquadramentos para seus reconhecimentos sociais, como anuncia Butler (2011), a morte e o luto se configuram como rotas juvenis atemporais, pois circundam a trajetória de jovens ao longo de gerações. No rap do grupo brasileiro essa experiência também é revelada: “Eu sei, eu sei, parece que nós só apanha, mas no meu lugar se ponha e suponha, que no século, 21, a cada 23 minutos morre um jovem negro. E você é negro que nem eu, pretin, ó. Não ficaria preocupado?” Portanto, a marca dessa experiência geracional é delineada por inseguranças e riscos, como também por relatos sobre memórias (e esquecimentos) sobre as perdas de seus pais, irmãos, amigos ou conhecidos, enfim perdas de pessoas que compõem suas redes de afetividade e são territorializadas nas periferias das cidades a partir de um perfil de vítimas e de comunidades vulnerabilizadas pela violência. Sobre o tempo da periferia, onde a morte está inscrita no seu cotidiano, Valéria Sanchez (1997) afirma que:

O tempo da periferia não é o tempo previsível do relógio, do trabalho, ao contrário, é o tempo do possível, do acaso, do aleatório, do desemprego e, de alguma forma, também do ócio. É o tempo da doença e da morte, da dor, do sofrimento e da miséria. Paradoxalmente, esse é o tempo da vida e da experiência que Benjamin acreditava ter chegado ao fim (1997: 75).

Roberto da Matta (1993) diz que pratica uma antropologia da saudade para falar sobre o tempo. Para ele, a saudade como uma categoria social é resultado de uma dada experiência causada por uma contingência sentimental, por um amor e por uma emoção dilacerante da ausência, assim como “é o nosso modo de ler a perda, a velhice a nossa inexorável passagem pelo tempo” (1993: p. 34). No entanto, o curso dos anos e as estatísticas e histórias sobre os homicídios de jovens no

---

<sup>14</sup> Um marco na história do Ceará foi a Chacina do Curió que ocorreu no bairro de Messejana em Fortaleza. No evento, 11 jovens foram assassinados, como os que estavam conversando em frente suas casas ou acessando a internet de um igreja na calçada, por policiais militares na madrugada de 15 de novembro de 2015. De acordo com o Ministério Público do Ceará, os crimes foram motivados por vingança pela morte de um soldado. Dos 44 agentes denunciados pelo Ministério Público, 34 foram pronunciados para ir a júri popular, 10 irão a julgamento comum e 33 deles recorreram com um pedido para serem julgados por um júri comum. Os policiais são denunciados por tentativa de homicídio, homicídios duplamente qualificados e prática de tortura física e psicológica.

Brasil demonstram uma inversão dessa aparente cronologia no qual os velhos morrem antes dos novos, pois é comum os jovens perderem um amigo, irmão, primo ou conhecido vítima de homicídio. E caso isso não tenha (ainda) ocorrido em suas trajetórias de vida, existe a preocupação com mortes ocasionadas pela violência institucional. Miguel relata sua indignação com o assassinato de um jovem paulista<sup>15</sup> que foi sequestrado na porta de sua casa e encontrado morto horas depois:

Pega um dos últimos casos aí? Daquele menino que foi assassinado. Ele tava em casa, cara, durante a ação da polícia, ou seja, o menino morreu dentro de casa. Não tem como dizer o que dizem muito. O menino tava com uma roupa tal suspeita, tava com não sei quem. Não cara! O menino tava dentro de casa. Não tem como falar nada. Tem é que mudar alguma coisa na gestão da polícia. Se for pegar no geral, tem muito jovem morrendo por conta do crime, eu sei, mas uma boa parte é por erro da polícia. Uma ação que deu errado. Tem que mudar alguma coisa, porque se for continuar assim só vai aumentar. Eu sei que muitos jovens morrem porque tem envolvimento com tráfico e isso também tem que mudar. Eu boto muita fé que o apoio familiar influi muito pra você não se envolver, mas e quem não tem nem pai nem mãe? Ainda bem que eu tive minha mãe e minha avó, mas quem não tem isso? Fica difícil, cara, mas não adianta nada proteger seu filho do envolvimento com o crime, se ele pode morrer até dentro da própria casa.

Anderson, apesar de ter pouca memória sobre sua curta história de vida com seu pai lamenta a morte de um amigo que esteve com ele nas ocupações das escolas em 2016. Apesar de lutarem contra as desigualdades educacionais e sociais juntos, os amigos tiveram destinos diferentes. Anderson tornou-se funcionário de uma instituição financeira e seu amigo foi assassinado enquanto se divertia em uma praça pública no dia da “Chacina do Benfica<sup>16</sup>”, uma tragédia que ocorreu em Fortaleza no ano de 2019: “Depois disso a vida de todo mundo desandou. Depois da morte do Joca teve gente que tocou o foda-se. Teve realmente um grupo que se fudeu por falta de atenção da escola. A nossa vida desandou, num foi por acaso, não”.

---

<sup>15</sup> Na madrugada de 14 de junho de 2020, Guilherme, um jovem de 15 anos de idade morador de um bairro da periferia de São Paulo, estava na porta de sua casa esperando uma amiga quando um carro preto parou e dois homens forçaram a entrada do jovem no carro. Ele foi encontrado duas horas depois morto com dois tiros na cabeça e marcas de agressão no corpo. A polícia investiga a participação de dois policiais militares, que estavam de folga no dia, como responsáveis pelo crime. Ver: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-30/entre-a-vida-e-a-morte-sob-tortura-violencia-policial-se-estende-por-todo-o-brasil-blindada-pela-impunidade.html>

<sup>16</sup> Chacina do Benfica ocorreu no referido bairro no dia 9 de março de 2018 com eventos em três locais diferentes da região, incluindo a Praça da Gentilândia. Sete pessoas foram executadas e três ficaram gravemente feridas. Todos jovens na faixa etária de 20 a 29 anos. Segundo as investigações da Polícia Civil, cinco pessoas participaram ativamente do crime e três delas estão presas. A principal motivação foi por vingança pela morte do primo de um dos réus. Os denunciados pelo crime e o alvo principal da chacina — que não foi encontrado pelos algozes — cresceram juntos no bairro e se distanciaram em razão das filiações diferenciadas a facções criminosas rivais que disputam territórios na capital cearense. Essa noite violenta em um bairro reduto da juventude fortalezense, que abriga um campus universitário, marcou a história do lugar, que vem, desde então, reconstruindo sua imagem com um bairro cultural e acolhedor dos multipertencimentos juvenis.

Os indivíduos reproduzem a sua condição humana a partir das relações sociais que estabelecem. Essa é a essencial e contraditória condição da sua humanidade. Ao mesmo tempo, constrói memórias individuais a partir de memórias coletivas, portanto partilhadas com os grupos sociais, dos quais pode fazer parte ou não. Para Maurice Halbwachs (1990), são os diferentes grupos sociais que propiciam “lembranças dos acontecimentos e das experiências”, sendo assim são as relações e os contatos com as pessoas do grupo que o indivíduo convive que fortalece a lembrança de uma dada experiência. Para ele: “É preciso que nos encontremos ou que estejamos em condições que permitam a essas duas influências combinar melhor sua ação, para que a lembrança reapareça e seja reconhecida” (idem, p. 46). Paul Connerton (1999) também partilha da mesma ideia de Halbwachs, ao compreender a memória como uma faculdade individual, coletivo e social. Porém, reflete sobre como se transmite e conserva-se a memória dos grupos sociais. A memória pessoal é a que diz respeito aos atos de recordação que tem como objeto a história de vida de cada indivíduo. Trata-se de uma reflexão sobre si mesmo pela presentificação do passado.

Com isso, a memória individual e social de uma geração de jovens na contemporaneidade está associada a convivência com a morte e o luto como eventos cotidianos. Uns pela perda direta de seus familiares, outros de amigos e conhecidos, mas, de todo modo, uma geração que vive a experiência da inversão do ciclo da vida, no qual os jovens morrem antes dos velhos, com a singularidade de ser uma “morte matada” e não uma “morte morrida”. Essa é a geração de jovens filhos de jovens que são assassinados no Brasil. Jovens onde o tempo da morte é o tempo do passado, mas também do presente, e carregado pelo medo da morte no futuro. Rebeca revela que teme a morte de um primo quando soube de seu envolvimento com grupos armados que atuam no tráfico de drogas:

Eu sofri muito, muito, muito, porque eu já vinha de uma história de perder, pai, tio, primo e ver que meu primo, que foi criado comigo e que eu considero meu irmão, está entrando para essa vida que a gente sabe que tem poucas saídas: ou morre ou vai preso. Eu não conheço histórias de gente que se redimiou do crime e hoje está inserido na sociedade completamente.

Os narradores dessa pesquisa nos contaram que não possuem memória de seus pais. Os eventos das mortes ocorreram quando eles eram muito pequenos. Os relatos sobre seus pais são descritos por terceiros, por outras pessoas produtoras de memórias, podendo ser elas saudosas, indiferentes ou difamatórias. Como vimos, ser um jovem filho de um jovem que foi assassinado é uma trajetória juvenil formada pela produção social de estigmas ou rótulos destinados à eles. De todo modo, quem sofre a perda, mesmo anunciada, mas sempre inesperada, de uma pessoa do seu

círculo de afetividade atravessa um processo de sofrimento, de desesperança, de dor, portanto, de sentimentos que quando são compartilhados por um determinado grupo social é mobilizador de um laço que vincula os indivíduos a um coletivo. David Le Breton (2008) destaca que somos afetivamente situados no mundo, pois as nossas vivências são fios contínuos de sentimentos mais ou menos vivos e difusos, os quais podem mudar, se contradizer ou se fortalecer ao longo dos anos de acordo com as situações. Essas relações criam afetividades mobilizadoras de identidades grupais, pois somos afetados por essas relações, sobretudo, compreendendo que “razão” e “emoção” não são opostas, ambas estão inscritas em nossos olhares, corpos, sentimentos e ideias repletas de valores.

Com isso, os jovens entrevistados para essa pesquisa são os amigos, irmãos, primos ou colegas de jovens que foram assassinados e com quem criaram redes de afetividades. Essas redes afetivas também se estendem a outros grupos que mobilizam ações que lutam por justiça, memória e direitos, produzindo resistências e esperanças, como no caso dos grupos de mulheres e familiares que tiveram seus filhos vítimas de violência institucional. No caso do Ceará, como aponta Ingrid Leite (2018), são redes formadas por mulheres onde o foco não é unicamente os efeitos da dor e da violência, mas também no “sentido de ser mulher”, de resistir, esperar e lutar pela proteção da memória de seus filhos que foram brutalmente assassinados.

Sendo assim, falar sobre a morte também é falar sobre a vida ou sobre traços e riscos de vida, e com isso produzir uma ideia de humanidade as trajetórias de jovens que são vítimas de homicídios. Vidas que são prematuramente encerradas ou aniquiladas em razão de uma sociedade belicosa e intolerante, no qual muitos colocam fim ao seu medo de morrer eliminando quem possa ameaçá-los, como alardeia Judith Butler (2015) ao questionar em sua obra, *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?* Portanto, para a autora são populações que foram precarizadas e vulnerabilizadas numa compreensão a partir da perspectiva cultural que cria sujeitos e não normalidades referentes à condição humana. Nesse sentido, Butler (2015) compreende que a ideia de humano interfere na ideia de reconhecimento, que deve ser conectada à ideia de sofrimento humano, pois a precariedade é um contexto social enquadrado por esquemas de reconhecimento que estão imersos na distribuição desigual de recursos que possibilite uma vida vivível, passível de luto e que importa.

### **Algumas considerações...**

Ao chegar ao final deste trabalho, consideramos que ele traz anúncios de compreensão da trajetória de jovens que definimos como os “herdeiros da violência”. Essa parcela da juventude representa jovens negros, pobres e periféricos que se expressam através da palavra “sorte” como uma forma de reconhecimento de que suas trajetórias escaparam das encruzilhadas de formas diversas de violência, mas não de vivências com a morte e luto, experiências cotidianas configuradas como rotas juvenis atemporais, pois falamos de gerações que vivenciam a dor da perda de namorados, pais, amigos, irmãos, primos ou conhecidos. Portanto, jovens que carregam ao longo da vida traços marcantes da pai ausente, através dos estigmas, da saudade e de um sentimento de ausência paternal sobre uma história que poderia ter sido vivida. São os sintomas do luto que marcam um pedaço de tempo, como o tempo da saudade do que já não pode mais ser vivido.

No entanto, este estudo, além da compreensão das narrativas dos herdeiros da violência, também apresenta outro problema referente ao recrudescimento da morte dos jovens, anunciada em frases do tipo: “a juventude quer viver”, “jovem negro vivo”, “cada vida importa”. O estudo revela que o racismo, o machismo e o criminalização da pobreza estão presentes nas favelas e comunidades brasileiras, através da falta de assistência estatal e a ausência da promoção de políticas públicas de proteção da vida de crianças, adolescentes e jovens. O rapper Emicida, na provocante e necessária música “Chapa”, fala sobre o desaparecimento de pessoas negras em comunidades pobres e constrói, poeticamente, versos sobre ausência e saudade: “Chapa, dá um salve lá no povo, Te ver de novo faz eles reviver, Os pivetin' na rua diz assim: Ei tio, e aquele zica lá que aqui ria com nóiz, cadê?”

Apesar disso, são jovens periféricos que concluíram o Ensino Médio, realizam atividades laborais em situações precarizadas, convivem com suas famílias e são capazes de sonhar, esperar e lutar por uma sociedade guiada por outros valores e referenciais, na qual suas trajetórias, representam por si, o clamor por justiça herdado pela perda do pai, de um amigo, familiar ou conhecido de vidas abreviadas. Apesar da singularidade de cada trajetória e de termos apresentado nesse artigo, que representa a primeira fase de uma pesquisa qualitativa, os relatos de jovens que estuam e trabalham, podemos observar também que suas narrativas refletem a naturalização da desigualdade social e a teimosia da sociedade em atribuir as juventudes a responsabilidade pelos índices de violência nesse país de marcas autoritárias, no qual sua idade, raça, classe, gênero e o lugar onde mora pode definir o seu direito de viver.

## Referências

**Experiências, multipertencimentos e riscos de vida:** Narrativas de jovens filhos de jovens vítimas de homicídios  
Camila Holanda Marinbo  
Samara Edwiges Andrade Lima  
Vinicius Cavalcante Santos

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de Exceção**. 2ª edição. São Paulo: Boitempo, 2004.

BECKER, Howard. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. 1ª. Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador**. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?** 1ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CONNERTON, Paul. **Como as sociedades recordam**. Oeiras: Celta Editora, 1999.

DAMATTA, Roberto. Antropologia da Saudade. In: **Conta de Mentiroso**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

DAYRELL, Juarez. A Escola "faz" as Juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007.

FREITAS, Isaurora C.M; BRAGA, José Ricardo B. Os universitários viajantes: suas práticas e sociabilidades. **Revista O Público e o Privado** - Nº 21 - Janeiro/Junho – 2013.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Vértice, 1990.

HONNETH, Axel. **Luta pelo reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2003.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002.

LEITE, Ingrid Lorena Silva. **“É meu direito de mãe”: Narrativas de mulheres integrantes do grupo de mães do sistema socioeducativo de Fortaleza**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

MADEIRA, Maria Zelma de A. Desigualdades raciais como expressão da questão social no Ceará. In: CUNHA, Aurineida; SILVEIRA, Irma Martins Moroni da. **Expressões da questão social no Ceará**. Fortaleza: EdUECE, 2014.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2011

MARINHO. Camila Holanda. Marcas do tempo: relatos sobre a morte e o luto para jovens viúvas da violência. In: BARREIRA, Irllys e BARREIRA, César. **A juventude e suas expressões plurais**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

\_\_\_\_\_. **Jovens Viúvas: o universo interdito da violência urbana juvenil**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional. Casa da Moeda, 2003.

**Experiências, multipertencimentos e riscos de vida:** Narrativas de jovens filhos de jovens vítimas de homicídios

*Camila Holanda Marinbo  
Samara Edwiges Andrade Lima  
Vinicius Cavalcante Santos*

SANCHES, Valéria. Ao encontro de Mnemosyne: reflexões sobre a morte na periferia de São Paulo. In: **Plural**, USP, São Paulo, 4: 60-77, 1997.

SCHUCMAN. Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo**. São Palo: Annablume, 2014.

VELHO, Gilberto. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. EUGENIO, Fernanda (orgs). **Culturas Juvenis: novos mapas de afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.